ENGENHARIA
BIOMIMÉTICA

MANUAL DE PREENCHIMENTO DA FICHA ESTRUTURAL

Como pontuar um dente, como registrar o caso e como transformar fichas em acervo

Prof. Dr. Livio Lages · 7 de outubro de 2026 · Versão 1.0

Documento interno de trabalho · construção de IA para crítica e assinatura

1. Veredito

Recomendação, antes de qualquer explicação: não comece colecionando casos bonitos. Comece colecionando um caso exemplar de cada estação.

A tentação natural é preencher ficha em todo paciente que senta na cadeira e esperar que o acervo se forme sozinho. Isso produz trinta fichas parecidas, quase todas com menor nota na estação 2, e nenhuma delas serve para ensinar as outras cinco. O acervo que o curso precisa tem outra forma: **seis casos índice, um para cada estação, em que aquela estação é a menor nota e é ela que decide o plano.** Com seis casos assim você consegue gravar seis módulos, montar seis páginas de venda e abrir o encontro de calibração. Com trinta casos aleatórios você consegue um álbum.

A meta mínima, e ela é pequena de propósito: vinte fichas preenchidas e seis casos fotografados por completo antes de abrir a Turma 1. Vinte fichas são três por semana durante sete semanas. Isso cabe na sua agenda sem mudar nada nela.

O que faz a ficha funcionar é uma coisa só, e não é o formulário. É preencher antes da broca. Uma ficha preenchida depois do preparo não é decisão, é relatório, e relatório não ensina ninguém a decidir.

2. O que a ficha é, e o que ela não é

A Ficha Estrutural é um instrumento de leitura de um dente, antes de intervir nele. Ela pega o caminho que a carga percorre da oclusal ao osso, divide esse caminho em seis estações, pede uma nota de 1 a 4 em cada uma e produz uma única frase de saída, sempre a mesma.

ELA É	ELA NÃO É
Uma leitura do dente de hoje	Um plano de tratamento
Uma nota por estação, dada antes do preparo	Um relatório preenchido depois
Um registro datado que pode ser auditado	Um documento legal ou prontuário
Um disparador de conversa com outro colega	Uma prova de que você acertou
Uma ferramenta de ensino do próprio raciocínio	Um índice validado na literatura

Esta última linha é a mais importante e precisa ser dita em voz alta nas aulas. A Ficha Estrutural é um instrumento didático construído a partir de conceitos consagrados de biomecânica dentária. Ela não é um índice validado, não tem estudo de reprodutibilidade publicado, e não deve ser apresentada como se tivesse. **Chamar uma construção didática de índice validado é o tipo de atalho que derruba a credibilidade de uma escola inteira, e é exatamente o que a concorrência procuraria.**

O que você pode dizer com segurança: que ela organiza em seis leituras aquilo que todo mundo já avalia de forma dispersa, e que ela força o registro da decisão. **O que você não pode dizer:** que ela prediz fratura, que tem acurácia conhecida ou que substitui julgamento clínico.

3. Antes de começar

O QUE IMPRIMIR

Imprima a Ficha Estrutural em frente e verso, em A4 comum. A frente é o formulário, o verso é o critério de cada nota. Uma folha por dente, como o nome diz. A terceira página é a folha de registro, e dela basta uma por mês, presa na frente do bloco.

Não plastifique, não transforme em PDF preenchível na primeira fase. A ficha escrita à mão, com rasura e com a hesitação anotada, é material de ensino. A ficha digitada é limpa demais e perde justamente a parte que interessa, que é ver onde o dentista travou.

QUANDO PREENCHER

MOMENTO	O QUE DÁ PARA PONTUAR	O QUE JÁ SE PERDEU
Antes de tocar no dente	As seis estações	Nada
Depois de remover a restauração antiga	Estações 3, 4, 5 e 6	A leitura original de 1 e 2
Depois do preparo	Estações 4, 5 e 6	A cúpula e o conversor originais
Depois de restaurar	Nenhuma com honestidade	Tudo

A linha que importa é a primeira. As estações 1 e 2 leem o dente intacto, e o dente intacto deixa de existir no momento em que a broca entra. Se você só lembrou da ficha depois de começar, preencha mesmo assim, escreva no alto da folha que foi preenchida depois e **não use esse caso para ensinar**. Ele serve para o seu treino, não para a aula.

QUANTO TEMPO LEVA

Entre três e cinco minutos na primeira semana, e cerca de noventa segundos depois do vigésimo dente. O que consome tempo no começo não é escrever, é decidir. A partir do momento em que você reconhece os padrões de cada estação, a ficha vira um gesto, igual ao de conferir contato oclusal.

4. A folha, campo por campo

O CABEÇALHO

CAMPO	O QUE ENTRA	POR QUÊ
Paciente	Iniciais, nunca o nome completo	A ficha vai virar material de aula e circular

CAMPO	O QUE ENTRA	POR QUÊ
Dente	Notação FDI, dois dígitos	Padrão internacional, e é como as fotos serão nomeadas
Data	Dia do preenchimento, não da consulta anterior	A ficha é datada para poder ser auditada
Quem pontuou	Seu nome, ou o do aluno	No encontro de calibração o mesmo dente tem várias fichas

Sobre as iniciais: use iniciais porque a ficha é feita para sair da clínica. Ela vai para a aula, para a página de venda, para o grupo de calibração. Nome completo em documento que circula é problema que não precisa existir.

AS SEIS LINHAS

Cada linha tem quatro quadrados, um para cada nota, e você marca **um só**. À direita há duas linhas pontilhadas, com o rótulo "o que eu vi".

O campo "o que eu vi" é o campo que mais gente deixa em branco e é o que mais vale. A nota sozinha é um número. A nota com a observação ao lado é um raciocínio que pode ser conferido depois. Escreva curto e concreto: "istmo quase metade da intercuspídea", "faceta no 16 e no 26", "margem distal já em dentina". Três ou quatro palavras bastam, mas elas precisam ser observação, não conclusão.

O VEREDITO

O bloco com moldura grossa no pé da folha é onde a ficha vira decisão. Você escreve a estação de menor nota e a nota que ela recebeu. Depois você completa as duas caixas de baixo.

CAIXA	O QUE ENTRA
O que o plano faz primeiro	A conduta que ataca a estação de menor nota, não a que você já tinha em mente
Onde eu hesitei	As duas notas que disputaram, em qual estação, e o motivo da dúvida

A caixa da hesitação não é opcional e não é confissão de fraqueza. Ela é o que permite calibrar. Ficha sem hesitação anotada, vinda de alguém que está preenchendo há duas semanas, quase sempre significa que a pessoa não entendeu a escala.

---

5. A escala de quatro

NOTA	PALAVRA	SIGNIFICADO OPERACIONAL
4	íntegro, com reserva	A estação está inteira e ainda sobra margem

NOTA	PALAVRA	SIGNIFICADO OPERACIONAL
3	suficiente	A estação cumpre o papel, sem folga
2	no limite	A estação ainda funciona, mas qualquer perda adicional a derruba
1	comprometido	A estação já não cumpre o papel, e precisa ser reconstruída ou contornada

A escala tem quatro valores porque escala par não tem meio. Numa escala de cinco, a nota 3 vira o estacionamento de toda dúvida, e o instrumento deixa de obrigar uma decisão. Com quatro, você é forçado a dizer de que lado da linha o dente está: suficiente ou no limite, e essas duas palavras levam a condutas diferentes.

A regra de desempate, e ela é inegociável: se você hesitou entre duas notas, vale a menor. Isso não é pessimismo, é assimetria de consequência. Errar para baixo custa uma conduta mais conservadora do que o necessário. Errar para cima custa uma fratura.

Não existe 2,5, não existe 3 menos, e não existe deixar em branco. Se você não consegue pontuar uma estação, você escreve as duas notas possíveis na caixa de hesitação e leva o caso para a calibração. Em branco é a única resposta que não serve para nada.

---

6. Estação 1 · Entrada

O que a estação pergunta: quanta força chega neste dente.

O que você observa: contatos oclusais, facetas de desgaste, relato do paciente e histórico de fratura em outros dentes.

NOTA	CRITÉRIO
4	Oclusão estável, sem sinais de parafunção, contatos distribuídos
3	Alguma sobrecarga localizada, sem desgaste generalizado
2	Facetas de desgaste evidentes, relato de apertamento
1	Parafunção declarada, desgaste severo, histórico de fratura em outro dente

A armadilha desta estação: ela não se lê no dente, se lê no conjunto. É a única das seis em que você precisa olhar para a boca inteira e para a história do paciente antes de dar a nota. Dentista acostumado a trabalhar dente a dente subestima a entrada quase sempre.

O sinal que mais muda a nota sozinho: fratura prévia em outro dente do mesmo paciente. Se já quebrou um, a carga que chega naquela boca já se mostrou capaz de quebrar.

No curso: o módulo 1 abre cada linha desta tabela, com a triagem de parafunção e a leitura de contatos.

---

7. Estação 2 · Cúpula

O que a estação pergunta: o que sobrou do anel de esmalte.

O que você observa: largura do istmo, cristas marginais presentes e espessura das paredes remanescentes.

NOTA	CRITÉRIO
4	Anel de esmalte fechado, nenhuma crista marginal perdida
3	Uma caixa proximal, uma crista preservada, istmo estreito
2	Istmo maior que um terço da distância intercuspídea, ou uma parede no limite
1	Duas cristas perdidas, ou parede remanescente de 1 mm ou menos

Esta é a estação que exige régua. Istmo e espessura de parede são medidas, não impressões. Na primeira semana, meça com sonda milimetrada e anote o número no campo "o que eu vi". Depois de vinte dentes medidos o olho calibra, mas não antes.

O limiar de parede foi conferido e mudou. O valor é **1 mm ou menos**, e ele tem fonte: Rocca, Scotti, Spreafico e Krejci, 2015, escrevem que o recobrimento oclusal é recomendado para paredes de 1 mm ou menos, e Rocca e Krejci, 2013, dizem que a parede remanescente precisa ter ao menos 1 mm para ser considerada segura. **O valor de 1,5 mm que circulava nas versões anteriores não existe em nenhuma das fontes do acervo e foi retirado.**

O istmo de um terço fica, e fica declarado como critério próprio. A busca nos dois cadernos não recuperou nenhum documento que publique esse ponto de corte, nem diretamente nem citando outro autor. **Ele permanece na ficha porque funciona na clínica, e permanece sem atribuição a ninguém.** É critério operacional da Engenharia Biomimética, e é assim que ele deve ser apresentado em aula e em material impresso.

Por que isso é mais seguro do que parece. Um critério declarado como próprio não pode ser contestado por erro de atribuição. Um critério atribuído a um autor que não o escreveu, sim. A diferença entre os dois é a diferença entre uma escola que assina o que inventou e uma escola que cita errado.

A armadilha desta estação: pontuar a cavidade que você pretende fazer em vez da que existe. A cúpula se lê no dente de hoje.

No curso: o módulo 2 trata da cúpula inteira, da medição ao critério de recobrimento.

8. Estação 3 · Conversor

O que a estação pergunta: em que estado está a junção amelodentinária na periferia da cavidade.

O que você observa: quanto da margem ainda tem esmalte, e onde a margem caiu para dentina.

NOTA	CRITÉRIO
4	Junção íntegra em toda a periferia da cavidade
3	Junção cortada em um ponto, com esmalte periférico preservado
2	Junção cortada em extensão, margem em dentina em parte do contorno
1	Margem inteiramente em dentina, sem esmalte periférico para selar

Esta é a estação que quase nenhum aluno já pontuou na vida, e é a que mais muda a conduta. A junção é o que impede a trinca de atravessar, e a zona de esmalte periférico é o que permite selar. Perder as duas ao mesmo tempo é o que separa uma restauração previsível de uma aposta.

A armadilha desta estação: confundir "tem esmalte na margem" com "a junção está íntegra". A pergunta é sobre a continuidade da periferia, não sobre a presença de esmalte em algum ponto.

O gesto que resolve a dúvida: percorra a margem com a ponta da sonda e marque mentalmente onde ela deixa de encontrar esmalte. Se mais de um terço do contorno já está em dentina, a nota não é 3.

No curso: o módulo 7 abre o critério inteiro, junto com o substrato de adesão.

---

9. Estação 4 · Corpo

O que a estação pergunta: quanta dentina sobrou, e em que estado.

O que você observa: volume, consistência e profundidade da dentina remanescente.

NOTA	CRITÉRIO
4	Dentina firme, sem cárie ativa, volume preservado
3	Escavação moderada, dentina afetada em área restrita
2	Escavação extensa, dentina profunda, proximidade pulpar
1	Pouca dentina remanescente, ou dentina despolpada e escavada

A armadilha desta estação: escavar antes de pontuar e depois pontuar o resultado da própria escavação. Se a remoção de cárie é inevitável, pontue o corpo duas vezes, antes e depois, e escreva as duas notas. A diferença entre elas é o custo estrutural da sua própria mão, e é um dos dados mais úteis que a ficha produz.

O que muda a nota sem mudar a quantidade de dentina: dente despolpado. Perda de hidratação e acesso somados ao que já se perdeu na cárie empurram a leitura para baixo mesmo com volume aparente preservado.

No curso: o módulo 4 traz o critério de escavação e os limites de profundidade.

10. Estação 5 · Interfaces

O que a estação pergunta: sobre o que a adesão vai apoiar, e com qual protocolo.

O que você observa: onde a adesão vai se apoiar, e qual protocolo foi usado ou será usado.

NOTA	CRITÉRIO
4	Adesão em esmalte periférico, protocolo completo, selamento imediato
3	Adesão em esmalte e dentina superficial, protocolo completo
2	Adesão predominantemente em dentina, fator C alto, sem selamento imediato
1	Restauração antiga com infiltração, ou substrato contaminado

Esta é a única das seis estações que depende mais de você do que do paciente. As outras cinco descrevem o que chegou até a cadeira. Esta descreve o que você vai fazer com o que chegou, e por isso é a estação em que a nota pode subir pela sua decisão, não pelo tempo.

A armadilha desta estação, e ela é específica: pontuar o protocolo que você pretende usar como se já estivesse feito. A regra geral da ficha diz para pontuar o dente de hoje. Aqui a leitura honesta é dupla: pontue o substrato como ele está, e anote na lateral qual protocolo você vai usar. Se depois o protocolo não for cumprido, a ficha registra a diferença.

No curso: os módulos 7 e 8 tratam de substrato, selamento imediato e fator C.

11. Estação 6 · Saída

O que a estação pergunta: para onde a carga vai depois do dente, e se há para onde ir.

O que você observa: sondagem, radiografia e o papel deste dente dentro da arcada.

NOTA	CRITÉRIO
4	Periodonto saudável, dente com vizinhos e antagonista estáveis
3	Perda óssea discreta, sem mobilidade
2	Perda óssea moderada, dente com função aumentada por ausência vizinha
1	Mobilidade, dente pivô, ou suporte periodontal insuficiente

Esta é a estação que ensina a encaminhar em vez de restaurar, e é a que mais evita fracasso. Um dente com nota 4 em tudo e nota 1 na saída não é um caso restaurador. É um caso periodontal, ou protético, com uma restauração dentro dele.

A armadilha desta estação: olhar só para o dente. A pergunta inclui o papel dele na arcada. Um molar que virou o único suporte posterior de um lado recebe carga que não receberia com os vizinhos presentes, e isso rebaixa a nota mesmo com periodonto bom.

No curso: o módulo 5 trata de quando o problema não é o dente.

---

12. A regra da menor nota

A ficha produz seis notas e só uma delas governa o plano: a menor.

CASO EXEMPLO	NOTAS	MÉDIA	MENOR	O QUE A MÉDIA DIZ	O QUE A FICHA DIZ
A	4 4 4 4 4 1	3,2	1	Caso bom	Caso de reconstrução da estação que valeu 1
B	3 3 3 3 3 3	3,0	3	Caso pior que A	Caso previsível, sem elo frágil
C	4 2 4 2 4 2	3,0	2	Igual a B	Três estações no limite, risco somado

Os casos B e C têm a mesma média e não têm o mesmo prognóstico. O caso A tem a melhor média dos três e é o único que vai falhar de forma previsível. Estrutura não funciona por média, funciona pelo elo mais fraco do caminho, porque a carga percorre o caminho inteiro e encontra o ponto onde ele cede.

Consequência prática, e é ela que muda a consulta: o plano começa pela estação de menor nota. Se a menor nota está na estação 6, o plano começa fora da restauração. Se está na 1, começa pela oclusão. Se está na 2, começa pela decisão de recobrir ou não. **A estação de menor nota decide o que se faz primeiro, e também decide o que não se faz.**

Quando duas estações empatam na menor nota, o plano trata as duas, e a ficha registra as duas. Não existe critério de desempate entre estações, porque elas não competem: estão todas no mesmo caminho.

---

13. A frase que a ficha produz

Neste dente, a carga se perde na estação _____, e o meu plano precisa reconstruir essa estação antes de qualquer outra coisa.

Se você não consegue dizer essa frase ao fim do preenchimento, a ficha não foi preenchida. Não importa que os seis quadrados estejam marcados. A frase é o teste de que a leitura virou decisão.

Diga em voz alta, para o auxiliar ou para o paciente. Dito em voz alta, o raciocínio fica exposto e a incoerência aparece sozinha. É o mesmo princípio de ler um texto em voz alta para encontrar o erro que a leitura silenciosa não pega.

---

14. Os três erros de preenchimento

ERRO	O QUE ACONTECE	COMO CORRIGIR
Pontuar o que você pretende fazer	A ficha vira plano e deixa de descrever o dente	Pontue o estado de hoje e anote o plano só na caixa de baixo
Dar nota alta por otimismo	A menor nota some, e com ela a decisão	Na hesitação, vale sempre a menor
Preencher depois do preparo	As estações 1 e 2 já não existem	Ficha depois do preparo serve para treino, não para ensinar

Esses três erros concentram quase tudo o que aparece nos encontros de calibração. Antecipá-los no material economiza a primeira hora do primeiro encontro.

---

15. Quando você não sabe pontuar

Não saber pontuar é o estado normal da primeira semana. Esconder a dúvida é o único erro de verdade.

SITUAÇÃO	O QUE FAZER
Hesito entre duas notas	Escreva as duas na caixa de hesitação, com o motivo, e adote a menor
Não sei o que a estação está pedindo	Leia o verso da ficha. Se continuar, marque a estação com um círculo e leve ao encontro
O caso não se parece com nada da tabela	Fotografe. Caso atípico com foto vale mais que dez casos típicos
Duas pessoas pontuaram diferente	As duas fichas ficam. A divergência é o material, não o problema

O que nunca fazer: inventar uma nota intermediária, deixar a linha em branco ou pontuar de cabeça sem olhar o critério. A ficha funciona porque é a mesma régua toda vez.

16. O protocolo de captura do caso

Sem foto, a ficha prova para você mesmo e para mais ninguém. Esta seção é o que transforma preenchimento em acervo.

AS TRÊS FOTOS OBRIGATÓRIAS

FOTO	QUANDO	POR QUE É OBRIGATÓRIA
1. Oclusal do dente intacto	Antes de qualquer instrumento	É a única prova de que as estações 1 e 2 foram lidas antes da broca
2. O achado que decidiu a menor nota	No momento em que você o viu	É a imagem que vai para o slide, porque mostra o critério, não o resultado
3. O resultado	Ao fim	Fecha o caso e mostra a conduta que a ficha gerou

A foto 2 é a que quase ninguém tira e é a que o curso precisa. Fotos de antes e depois existem aos milhares. A foto do achado que decidiu a nota, com a ficha ao lado, é o que diferencia o material da Engenharia Biomimética de qualquer álbum de casos.

A quarta foto, opcional e valiosa: a própria ficha preenchida, à mão, fotografada junto do dente. Ela é o elemento que mais comunica o método em uma única imagem.

COMO NOMEAR

`AAAA-MM-DD_iniciais_dente_estacao.jpg`

Exemplo: `2026-10-14_MLS_26_E2.jpg`

O nome carrega data, paciente em iniciais, dente em FDI e a estação que decidiu o caso. Com esse padrão o acervo se organiza sozinho por ordem alfabética, e dois anos depois você encontra todos os casos de estação 2 digitando `_E2`. Sem padrão de nome, trezentas fotos em pastas por paciente são um arquivo morto.

ONDE GUARDAR

Uma pasta única, chamada ACERVO, com subpastas por estação, e nada mais. Pasta por paciente parece organizada e inviabiliza o uso didático, porque o material é consultado por critério, nunca por nome.

CONSENTIMENTO

Use o termo de autorização de uso de imagem da sua clínica, assinado, antes de usar qualquer caso em material didático ou comercial. Iniciais no arquivo reduzem exposição, não substituem autorização. **Esta é a parte do manual que merece revisão de quem é da área jurídica, e eu não sou.**

17. Como o acervo se forma

A META, EM NÚMEROS PEQUENOS

MARCO	QUANTIDADE	PRAZO SUGERIDO
Fichas preenchidas	20	Sete semanas, três por semana
Casos com as três fotos	6	Dentro das mesmas sete semanas
Casos índice, um por estação	6	O critério de seleção está abaixo
Casos com divergência de pontuação	2	Pontuados por você e por mais alguém

A quantidade é pequena de propósito. Vinte fichas são suficientes para calibrar a sua própria leitura e para produzir os seis casos que o curso precisa. Uma meta de cem fichas cria culpa e não cria acervo.

O QUE É UM CASO ÍNDICE

Um caso índice é aquele em que uma estação específica é a menor nota, decide o plano sozinha, e a decisão tem foto. Ele é o caso que você usa para ensinar aquela estação, na aula, na página de venda e no encontro de calibração.

ESTAÇÃO	O CASO ÍNDICE QUE FALTA ENCONTRAR
1 · Entrada	Dente estruturalmente bom que quebra por carga, com histórico de fratura em outro dente
2 · Cúpula	Istmo largo com paredes aparentemente íntegras, em que a medida muda a conduta
3 · Conversor	Margem que caiu para dentina em extensão, com esmalte presente em outros pontos
4 · Corpo	Caso em que a escavação necessária derruba a nota, com as duas pontuações registradas
5 · Interfaces	Restauração antiga com infiltração, em que o substrato decide o protocolo
6 · Saída	Dente restaurável com suporte periodontal insuficiente, encaminhado em vez de restaurado

Enquanto um desses seis não aparecer, aquela estação não tem material próprio. Vale olhar a agenda procurando por eles, em vez de esperar que apareçam.

PARA QUE CADA CASO SERVE DEPOIS

DESTINO	O QUE ELE CONSOME
Aula do módulo correspondente	O caso índice daquela estação, com as três fotos

DESTINO	O QUE ELE CONSOME
Encontro de calibração	Um caso com hesitação escrita, de preferência divergente
Página de venda	O caso índice mais visual, com a ficha fotografada ao lado
Caso Comentado, produto mensal	Um caso por mês, do acervo, com a ficha completa
Série de casos, se um dia for publicada	Todos, desde que fotografados no mesmo padrão desde o primeiro

A última linha é a que exige disciplina agora e paga depois. Uma série de casos só existe se o protocolo de captura foi o mesmo desde o caso número um. Mudar o padrão de foto no caso quinze invalida os catorze anteriores para efeito de série. Não custa nada seguir o padrão desde já, e custa tudo começar a seguir depois.

---

18. Calibração

Calibrar é pontuar o mesmo dente separadamente e comparar as fichas. É a única forma de descobrir se o instrumento está medindo a mesma coisa em mãos diferentes.

COMO CONDUZIR

PASSO	O QUE ACONTECE
1	Todos recebem as mesmas fotos e a mesma informação clínica, sem conversar antes
2	Cada um preenche a ficha inteira, sozinho, em dez minutos
3	As notas vão para a tela, estação por estação
4	A conversa acontece só onde houve divergência
5	O grupo decide o que precisa ser escrito melhor no critério

As notas não vão bater, e é isso que se quer mostrar. A divergência não é falha dos participantes, é a prova de que critério implícito não existe. O passo 5 é o que mais vale para você: cada divergência recorrente aponta uma linha da tabela de critérios que está mal escrita.

Registre as divergências. Uma planilha simples com estação, nota A, nota B e motivo, acumulada ao longo das turmas, é o que permite melhorar a ficha com base em evidência de uso, e é também o material de um estudo de reprodutibilidade, se um dia você quiser fazer um.

---

19. As decisões que continuam abertas

Esta seção existe para que nada aqui pareça mais firme do que é.

DECISÃO	ESTADO
O ponto de corte do istmo	**Decidido: fica em um terço, como critério próprio da escola, sem atribuição a autor.** Se um dia aparecer a fonte primária, ela entra
O ponto de corte da parede	**Resolvido.** 1 mm ou menos, com fonte em Rocca, Scotti, Spreafico e Krejci, 2015, e em Rocca e Krejci, 2013
Se a estação 5 deve ser pontuada antes ou depois do protocolo	A solução adotada aqui é dupla leitura, e ela ainda não foi testada em uso
Se o empate na menor nota precisa de regra	Hoje não tem, e os dois casos conhecidos não exigiram
Versão digital preenchível	Adiada de propósito até existirem vinte fichas à mão
Reprodutibilidade entre avaliadores	Desconhecida. Nenhuma medida foi feita

20. Confiança

[VERIFICADO NESTA EXECUÇÃO] A estrutura das seis estações, os critérios de 1 a 4 de cada uma, a regra da menor nota, a frase de saída, os três erros e o procedimento de dúvida. Todos vêm da aula 0.4 já construída e conferida, e estão idênticos aqui e no verso da ficha impressa.

[CONSTRUÇÃO MINHA, NESTE DOCUMENTO] O protocolo de captura de caso com três fotos, o padrão de nome de arquivo, a organização do acervo por estação, a definição de caso índice e a tabela de seis casos índice a procurar, as metas numéricas de vinte fichas e seis casos, e o roteiro de calibração em cinco passos. Nada disso vem de fonte externa. São decisões operacionais propostas, e devem ser julgadas pelo que produzem.

[CONFERIDO NA FONTE] O limiar de parede de 1 mm ou menos, em duas publicações do grupo de Rocca e Krejci, com frase literal recuperada do acervo.

[CRITÉRIO PRÓPRIO, DECLARADO COMO TAL] A fração de um terço da distância intercuspídea para o istmo. Ela não existe em nenhum documento do acervo nem foi recuperada em busca, e permanece na ficha como critério operacional desta escola. **Nunca deve ser citada como achado de literatura nem atribuída a autor.**

[FORA DA MINHA COMPETÊNCIA] A parte de consentimento e uso de imagem. Está escrita como lembrete, não como orientação jurídica.